

# A PRODUÇÃO DE REPARO RESULTANTE DE DISCREPÂNCIAS REFERENCIAIS EM UMA CONVERSA COTIDIANA: UM ESTUDO ANALÍTICO

**PAOLA GABRIELA KONRAD\***

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, Brasil.

Recebido em: 15 abr. 2018. Aprovado em: 8 jun. 2018.

Como citar este artigo: KONRAD, P. G. A produção de reparo resultante de discrepâncias referenciais em uma conversa cotidiana: um estudo analítico. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 198-213, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p198-213

## Resumo

Este artigo, amparado pelo arcabouço teórico-metodológico da Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) e enquadrado no escopo de pesquisa da Linguística Aplicada, compreende a análise de uma interação de fala cotidiana entre pessoas da mesma família durante uma atividade habitual, cuja gravação fora realizada em áudio e vídeo. Os objetivos deste estudo consistem em: 1. analisar como problemas concernentes a questões de referenciação podem culminar na produção de reparo na fala; 2. identificar os tipos de reparo

---

\* E-mail: paolagkonrad@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9150-9627>

presentes no fragmento analítico escolhido para este estudo; e 3. analisar a produção de reparo a serviço de “quem sabe mais” na interação em pauta.

## Palavras-chave

Conversa cotidiana. Organização de reparo. Referenciação.

## INTRODUÇÃO

A conversa cotidiana consiste no tipo de atividade em que as pessoas interagem de maneira trivial “em família, em grupos de convivência, na vizinhança, em comunidades, etc.” (SCHEGLOFF, 1999, p. 413). Trata-se do tipo de conversa em que a alternância livre entre dois ou mais falantes prevalece (LEVINSON, 1983), tornando, assim, a organização conversacional irrestrita, uma vez que esse tipo de interação não envolve “práticas especializadas ou normas convencionalizadas” (SCHEGLOFF, 1999, p. 407) de contextos institucionais específicos, tais como policial, educacional, da saúde e outros.

Este estudo, que se alicerça no aparato teórico-metodológico da Análise da Conversa (doravante AC) (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), compreende a análise de uma interação de fala cotidiana entre pessoas da mesma família durante uma atividade habitual. Escolheu-se focalizar a análise na conversa cotidiana devido à escassez de estudos envolvendo a fala em interação em contextos não institucionais no português brasileiro sob a perspectiva da AC<sup>1</sup>, circunstância que possibilita assegurar a relevância desta pesquisa.

Por meio da identificação de constantes ocorrências do mesmo fenômeno linguístico, torna-se possível a percepção de práticas sociais comuns, e esse exercício consiste em uma característica substancial da abordagem da AC (CLIFT, 2016). À vista disso, ao concluir a geração e a transcrição de dados de fala em interação mundana, o primeiro objetivo deste estudo veio à tona: analisar minuciosa e repetidamente as gravações realizadas em áudio e vídeo de modo a observar o que poderia emergir desses dados.

Após esse processo, tornou-se possível a identificação de fenômenos intrínsecos a questões de referenciação e de organização de reparo, que permitiram uma reformulação do propósito inicial desta pesquisa. Os objetivos

1 Destacam-se os trabalhos de Garcez e Loder (2005), Marega e Jung (2011) e Pires (2016).

atuais, portanto, consistem em: 1. analisar como problemas concernentes a questões de referência podem culminar na produção de reparo na fala; 2. identificar os tipos de reparo presentes no fragmento analítico escolhido para este estudo; e 3. analisar a produção de reparo a serviço de “quem sabe mais” na interação em pauta.

## ORGANIZAÇÃO DO REPARO

A organização de reparo na fala (SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977) está estreitamente relacionada aos “meios pelos quais a compreensão mútua é sustentada e defendida” (CLIFT, 2016, p. 232) nas interações sociais. Reparo consiste, portanto, em um recurso utilizado pelos interagentes quando estes precisam lidar com problemas interacionais associados à produção, à audição ou ao entendimento em uma conversa, de modo que a intersubjetividade seja alcançada (HERITAGE, 1984; SCHEGLOFF, 1992). Faz-se importante salientar que, na maioria das vezes, o reparo tem “prioridade em relação ao sistema de tomada de turnos” (CLIFT, 2016, p. 232). Isso porque quando uma fonte de problema se manifesta na conversa, é difícil avançar sem compreender/ouvir o que “veio antes” na sequência interacional e, dessa forma, torna-se relevante que um reparo seja iniciado.

Um reparo pode ser iniciado pelo falante em curso (autorreparo) ou pelo seu interlocutor (reparo iniciado pelo outro). Quando iniciado pelo falante em curso (autorreparo), o reparo pode ser levado a cabo pelo próprio falante (reparo iniciado e levado a cabo pelo falante em curso) ou pelo ouvinte (reparo iniciado pelo falante em curso e levado a cabo pelo ouvinte). Quando iniciado pelo ouvinte (reparo iniciado pelo outro), o reparo pode ser levado a cabo pelo falante em curso (reparo iniciado pelo ouvinte e levado a cabo pelo falante em curso) ou pelo próprio ouvinte (reparo iniciado e levado a cabo pelo ouvinte) (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). Silva, Andrade e Ostermann (2009) ainda explicitam que, dentre todas as opções que permeiam a organização de reparo, o *reparo iniciado e levado a cabo pelo falante em curso* revela-se, em termos de ações, o preferido, ao passo que o *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro* configura-se na ação menos preferida em uma interação.

Apesar de o reparo não se igualar necessariamente à prática de correção (na qual se substitui algo apontado como “errado” por outro considerado

“certo”) e ser caracterizado, predominantemente, pela constatação, por parte dos próprios falantes, de um problema interacional e pela tentativa de resolução deste (GARCEZ; LODER, 2005), este artigo também abarcará a organização de reparo em nível de correção. Isso porque, em conformidade com Garcez e Loder (2005, p. 284), que investigam o *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro* em conversas mundanas no português brasileiro, “a prática de correção é entendida como um componente específico de certas trajetórias de reparo”.

Assim, a produção de reparo, neste estudo, avançará para um nível de “disputa” interacional, que opera a serviço de “quem sabe mais” na interação. Tal “disputa” se revela uma consequência de problemas associados a questões de referenciação, que culminam na produção de reparo.

## REFERENCIAÇÃO

A referenciação consiste em um fenômeno de interesse de estudiosos de diversos campos do conhecimento, a saber: lógica, filosofia da linguagem e, mais recentemente, linguística (LEITE; MARTINS, 2013). Em razão disso, a referenciação é descrita em níveis distintos.

Leite e Martins (2013), por exemplo, ao fazerem menção à Frege (1978), explicam que, sob o ponto de vista da lógica e da linguagem natural, o referente é considerado objeto do mundo, evidenciando uma clara relação entre linguagem e mundo. As mesmas autoras ilustram a perspectiva de Blikstein (2003), que acredita em uma associação direta entre o referente e sua significação linguística.

Mondada e Dubois (2003), contudo, compreendem que a ideia de que a língua se trata de um sistema de etiquetas que se adaptam às coisas é problemática, uma vez que esse “ponto de vista pressupõe que um mundo autônomo já discretizado em objetos ou ‘entidades’ existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Em relação a reparo, existe um modelo teórico proposto por Clark e Marshall (1981), *Modelo de Reparo de Referência*, por meio do qual os interagentes constroem conhecimento/entendimento mútuo, e pelo qual discrepâncias concernentes à referenciação são reparadas (KOSCHMANN et al., 2001). Koschmann et al. (2001, p. 516-517), ao fazerem menção ao modelo acima referido, explicitam que o entendimento mútuo

[...] segue o pressuposto de que falantes e ouvintes são membros de comunidades culturais diferentes (afro-americanos, amantes de futebol, instaladores de tubulações, falantes de francês), e o pertencimento a essas comunidades manifesta formas peculiares de vocabulário e conhecimento compartilhados.

Levando em conta o contexto analítico deste estudo (uma família), sabe-se que membros familiares pertencem, na maioria das vezes, à mesma comunidade cultural, porém, eles não possuem a mesma categoria de pertencimento: por exemplo, a categoria “mãe” é diferente da categoria “pai” e da categoria “filho”. O vocabulário a que a mãe tem acesso não é o mesmo acessado pelo filho, e essa é uma das razões pelas quais as discrepâncias referenciais podem emergir. Tais discrepâncias também se relacionam ao dispositivo de categorização de pertencimento, proposto por Sacks (1992). Segundo o sociólogo, o conhecimento que um falante possui associa-se à categoria a que ele pertence.

Ainda considerando o modelo teórico sugerido por Clark e Marshall (1981), as práticas de referenciação condicionam-se à copresença física e/ou à copresença linguística do objeto a ser referenciado. A copresença física pode ser imediata, potencial ou antecedente. A primeira corresponde a quando ambos os interagentes (falante e ouvinte) estão atentos a um objeto presente no momento da referência; a copresença física potencial diz respeito a quando apenas o falante está atento ao objeto de referência, embora o objeto também se encontre disponível em termos de locabilidade para o ouvinte; a copresença física do tipo antecedente se estabelece quando o ouvinte não está atento ao objeto de referência, mas já esteve anteriormente, possibilitando que ele se recorde do objeto a ser referenciado. A copresença linguística, por sua vez, permite referenciar objetos introduzidos anteriormente na conversa. Essa forma de copresença pode ser antecedente ou potencial, dependendo do momento em que o objeto é introduzido no fluxo da conversa (KOSCHMANN et al., 2001).

Neste estudo, os referentes serão considerados tendo em vista alguns aspectos do *Modelo de Reparo de Referência* (CLARK; MARSHALL, 1981), uma vez que os objetos a serem referenciados no fragmento de fala analítico encontram-se em sua copresença física. Além disso, os referentes serão levados em conta no nível de categorias que se elaboram no curso das atividades e que se transformam a partir do contexto interacional (MONDADA; DUBOIS, 2003).

## MÉTODO E PARTICIPANTES

Como já mencionado, este estudo é amparado pelo arcabouço teórico-metodológico da AC (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). À vista disso, torna-se apropriada, neste momento, uma descrição geral sobre o que constitui essa abordagem.

A AC foi principiada nos anos 1960 pelo sociólogo Harvey Sacks, com a colaboração de Emanuel Schegloff e Gail Jefferson. Sacks levantou a possibilidade de investigar os turnos de fala como ações sociais utilizadas pelos interagentes para o cumprimento de determinados propósitos no transcorrer de uma conversa (BAXTER, 2010). Os fundadores da AC objetivaram demonstrar, assim, ao contrário do que se supunha antes, que as pessoas se organizam socialmente por meio da conversa, e que a fala em interação não se constitui tão caótica quanto parece (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009).

Uma das características do aparato da AC diz respeito à perspectiva êmica, advinda da etnometodologia. Trata-se da perspectiva dos participantes da interação, cuja análise se dá a partir dos entendimentos por eles demonstrados em uma conversa. Em razão disso, o foco investigativo dos analistas da conversa está no contexto construído por meio da organização sequencial da fala, que é composta por ações (CLIFT, 2016). Faz-se relevante mencionar, aqui, o mecanismo da sequencialidade das interações (SCHEGLOFF, 2007). Em poucas palavras, a abordagem da AC não se limita à análise de turnos de fala isolados. Necessita-se, em vez disso, considerar a sequencialidade da interação, isto é, o que veio antes e o que vem depois de um turno de fala, pois, como explica Heritage (1998), uma ação é moldada às sequências de ações precedentes.

Outro elemento da perspectiva da AC de fundamental importância concerne ao caráter naturalístico que deve ser levado em consideração no momento da geração de dados. Os dados devem contemplar interações naturalísticas de fala, que ocorreriam independentemente da realização de qualquer pesquisa. Por isso, o material analítico deste estudo advém da gravação em áudio e vídeo de uma interação cotidiana em família durante um almoço de domingo. Essa interação, após gravada, foi transcrita de acordo com as convenções de transcrição de Jefferson (1984)<sup>2</sup>, adaptadas pelo grupo de pesquisa Fala-em-

---

2 As convenções de transcrição encontram-se no Anexo.

-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais (FeI), com marcações sugeridas pelo GAT2<sup>3</sup> (SELTING et al., 2011).

Faz-se relevante mencionar que o excerto analítico deste estudo contém imagens dos participantes da pesquisa, que autorizaram o uso para fins de pesquisa e divulgação científica. Tais imagens foram inseridas à transcrição pelo fato de serem imprescindíveis para que as questões de referenciação sejam compreendidas. Os nomes reais dos participantes, contudo, foram trocados por pseudônimos para que os interagentes tivessem a sua identidade preservada.

Os participantes da pesquisa constituem uma família de cinco pessoas: Sofia, a mãe; Ricardo, o pai; Augusto, o filho de 9 anos; Paloma, a filha de 25 anos; e Enzo, o namorado de Paloma. Os membros vivem juntos (com exceção de Enzo, que está visitando a sua namorada Paloma) em uma casa localizada no interior do sul do Brasil. Na interação de análise, os integrantes da família encontram-se dispostos em cadeiras ao redor de uma mesa localizada dentro da cozinha da residência para almoçarem juntos. O menu do almoço é composto por churrasco – que inclui carne de frango – e acompanhamentos.

## ANÁLISE

Esta sessão integra a análise da interação cujo contexto e participantes estão descritos acima. Antes de iniciar a análise do excerto, necessita-se explicar que nele constam notas da transcritora. Essas anotações estão discriminadas entre parênteses duplos na transcrição, conforme as convenções de Jefferson (1984).

Em razão de problemas de referenciação comporem o material de análise, é preciso elucidar que o referente “coxa”, quando situado entre os parênteses duplos na interação transcrita, ou no corpo do texto deste artigo, representa o primeiro alimento que consta na Figura 1, ao passo que “coxa da asa”, nas mesmas condições, representa o segundo:

3 GAT é o acrônimo de *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem* (Sistema de Transcrição de Análise da Conversa e do Discurso).

Figura 1 – Coxa e coxa da asa



Coxa

Coxa da asa

Fonte: Elaborada pela autora com base em Wendy (2009) e Slovencina (2016).

Explicados esses detalhes, parte-se, neste momento, para a apresentação gráfica do fragmento de fala escolhido para este estudo, seguida da análise. Salienta-se que, apesar de o excerto de fala iniciar na linha 01, trata-se de um fragmento de uma interação que se encontra em curso.

Os nomes dos participantes estão representados, no fragmento analítico a seguir, por suas três primeiras letras: SOF (Sofia, a mãe); PAL (Paloma, a filha); AUG (Augusto, o filho) e ENZ (Enzo, o namorado de Paloma). Apesar de Ricardo, o pai, estar presente na interação, ele não realiza nenhum turno de fala no fragmento a seguir.

Figura 2 – Excerto I: família\_churrasco\_22\_05\_2017

```

01 PAL: a mãe fez o cachorro quente
02 seg[unda de noite enzo ]
03 AUG: [mãe eu quero uma <co>:xa> ((coloca a coxa que estava em seu
04 prato no prato de sofia)) #Ima. 1
05 (.)
06 ENZ: ã ((olha para paloma))
07 SOF: *não come°
08 (0,6)
09 AUG: isso não é coxa
10 AUG: é iss[o daqui] ((aponta c/ uma faca p/ uma coxa da asa)) #Ima. 2
11 SOF: [é sim ]
12 (.)
13 AUG: i::sso é [coxa] ((continua apont. c/ uma faca p/ uma coxa da asa))
14 PAL: [isso] é coxinha da asa
15 (.)
16 AUG: então (.) coxinha da asa ((coloca uma coxa da asa em seu prato)) #Ima. 3
17 (.)
18 PAL: mas c- (.) isso é co[xa ] ((aponta c/ uma faca p/ uma coxa)) #Ima. 4
19 SOF: [isso] é da a::sa ((olha para o seu prato)) #Ima. 4
20 (.)
21 PAL: isso é coxinha da [asa isso é-] ((aponta c/ uma -> linha 23
22 AUG: [não isso da]qui é coxão ((aponta ->linha 24
23 PAL: ->faca para uma coxa da asa #Ima. 5 e depois p/ uma coxa)) #Ima. 6
24 AUG: ->uma uma faca p/ uma coxa)) #Ima. 7
25 (0,9)
26 PAL: não isso é coxa
27 (.)
28 AUG: coxão
29 (0,7)
30 AUG: {(rindo) coxão} hh

```

Fonte: Elaborada pela autora com base em uma interação face a face.



**Figura 3** – Captura de vídeo do Excerto I: imagens 1 a 4 sincronizadas aos turnos de fala transcritos (#)



Imagem 1



Imagem 2

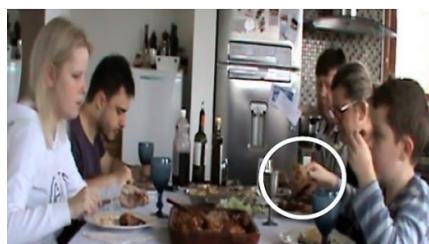


Imagem 3



Imagem 4

Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 4** – Captura de vídeo do Excerto I: imagens 5 a 7 sincronizadas aos turnos de fala transcritos (#)



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas linhas 01 e 02, Paloma realiza um anúncio para o seu namorado: “a mãe fez cachorro quente seg[unda de noite enzo]”. Enzo, por sua vez, indica, por meio de uma iniciação de reparo (“ã”), um possível problema de entendimento ou de audição referente ao turno de fala produzido por Paloma. Mesmo que iniciado, Paloma demonstra não se orientar ao reparo, como se pode observar na sequencialidade da interação, fazendo com que o reparo em si não seja levado a cabo.

Na linha 03, Augusto realiza um pedido para a sua mãe (“[mãe eu quero uma <co]:xa>”) e, como se pode visualizar na Imagem 1, ele coloca a “coxa” que estava em seu prato no prato de sua mãe. Sofia, então, possivelmente insatisfeita com a ação de seu filho, realiza um pedido a Enzo, por meio de um diretivo: “o não comeo” (linha 07). Ressalta-se que tal diretivo parece ser atenuado devido à marcação de volume mais baixo durante o turno de fala de Sofia.

Depois de uma pausa de pouco mais de meio segundo (linha 08), Augusto informa, por meio do referente “isso”, que o que ele tivera em seu prato anteriormente não se constitui uma “coxa” (“isso não é coxa”). Além disso, evidencia o que para ele é uma “coxa” por meio de seu turno de fala na linha 10 (“é iss[o daqui]”), combinado com a ação corporificada que pode ser observada na Imagem 2: aponta, com uma faca, para uma “coxa da asa”. Sofia, em sobreposição ao final do turno de fala de Augusto, realiza um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro* (“[é sim ]”), de modo a corrigir a informação fornecida por Augusto. Seu filho, por outro lado, continua apontando com a faca para a “coxa da asa”, informando que o referente apontado representa uma “coxa” (linha 13). Paloma, então, toma o turno em sobreposição à fala de Augusto e produz um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*, corrigindo a informação dada por seu irmão: “[isso] é coxinha da ↓asa” (linha 14).

Augusto, depois de uma micropausa, demonstra, na linha 16, alinhamento e afiliação à Paloma, aceitando, ao que tudo indica, o referente como “coxinha da asa”. Ao mesmo tempo, ele coloca uma “coxa da asa” em seu prato, como se pode observar na Imagem 3. A posição e a composição do turno de fala de Augusto (linha 16) permite a inferência de que os falantes estão em compreensão mútua, tendo alcançado, portanto, a intersubjetividade (HERITAGE, 1984; SCHEGLOFF, 1992).

No entanto, na linha 18, Paloma começa a problematizar o referente “coxa”: “mas c- (.) isso é co[xa ]”. Tal problematização acontece de maneira concomitante à sua ação corporificada de apontar, com uma faca, para uma “coxa”. Torna-se visível, aqui, que ela está propondo um desafio ao seu irmão,

porque mesmo com a aceitação de Augusto do referente anterior como “coxinha da asa” (e tendo aceitado “coxinha da asa”, é possível inferir que Augusto sabe que o outro referente se constitui uma “coxa”), ela insiste na discussão acerca do termo “coxa”.

Antes do término da fala de Paloma, Sofia toma o turno, aparentemente para corrigir o que Augusto havia considerado em um primeiro momento (“coxa da asa” como “coxa”), realizando um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*: “[isso] é da a::sa”. É possível depreender que o turno de fala de Sofia é produzido de modo a corrigir Augusto, porque ela não aparenta estar orientada à Paloma, uma vez que se encontra olhando para o próprio prato ao longo do turno de fala produzido por Paloma (linha 18) e durante o seu próprio turno de fala (linha 19), como se pode observar na Imagem 4.

Paloma, então, possivelmente orientada para o turno precedente de Sofia (linha 19), produz um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*, revelando o que representa uma “coxa da asa”, ao mesmo tempo que aponta, com uma faca, para o objeto de referência (Imagem 5). Aparentemente, Paloma prosseguiria falando de modo a explicar, mais uma vez, o que é uma “coxa”: “isso é-” (linha 21). Entretanto, ela apenas indica o referente “coxa” de maneira não verbal, por meio da ação corporificada de apontar para o alimento (Imagem 6), uma vez que Augusto interrompe a fala de Paloma, realizando um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*, de modo a corrigir a sua irmã: “[não isso da]qui é coxão”. Observa-se, neste momento, que Augusto introduz um novo referente: “coxão”. Além disso, enquanto Augusto constrói seu turno de fala (linha 22), ele aponta, com uma faca, para uma “coxa” (Imagem 7). Na linha 26, Paloma produz, novamente, um *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*, corrigindo seu irmão: “não isso é coxa”. Augusto, por sua vez, na linha 28, realiza outro reparo (“coxão”), corrigindo a informação fornecida por Paloma no turno de fala precedente. Como se pode observar, Paloma não insiste, e Augusto fecha o tópico repetindo o referente “coxão” e produzindo riso (“{{rindo} coxão} hh”), o que revela que essa “disputa” entre os interagentes, especialmente entre Paloma e Augusto, trata-se de um tipo de jogo de “quem sabe mais”.

## DISCUSSÃO

Ao final da análise do fragmento de conversa cotidiana, torna-se possível identificar algumas características significativas concernentes à organização de

reparo e à referenciação. No que diz respeito a reparo, percebe-se, ao longo do excerto analisado, que se trata de um elemento comum à conversa mundana. Como já mencionado, reparo, para os propósitos deste estudo, também fora analisado a serviço de “quem sabe mais” na interação, culminando em um tipo de “disputa” de correção entre os falantes. Considerando que a organização de reparo nesse nível (a serviço de “quem sabe mais”) predomina no fragmento interacional aqui analisado, o tipo mais frequente de reparo manifestado na interação em pauta diz respeito ao *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro*.

Além disso, especula-se que os interagentes, especialmente Paloma e Augusto, tratam essa “disputa” de correção como uma espécie de jogo, como explicitado na seção anterior. Observa-se que, à medida que a interação avança, os turnos de fala de correção reduzem em tamanho. Por exemplo, o reparo produzido por Augusto (linha 28) ao final do excerto trazido aqui constitui-se de uma única unidade de construção de turno (“coxão”). Tal composição de formato reduzido nos turnos de fala de correção pode ser considerada uma evidência de que os falantes estão em uma “disputa” interacional a fim de descobrir quem detém o entendimento correto acerca do referente.

Também se faz relevante observar que, como explicitado na primeira seção, o tipo “preferido” de reparo consiste no *reparo iniciado e levado a cabo pelo falante em curso*, ao passo que o “menos preferido” concerne ao *reparo iniciado e levado a cabo pelo outro* (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). Apesar disso, é perceptível, neste estudo, que em situação de “disputa” interacional, essa normatividade é invertida. E isso corrobora o que Clift (2016, p. 232) explica ao discorrer sobre a organização de reparo: “reparo também se constitui um veículo para a implementação de ações para além de simplesmente reparar”, e tais ações, nesse caso, consistem em disputa/competição de “quem sabe mais” sobre o que está sendo referenciado.

Como se pode observar por meio das imagens (1-7) e do excerto de fala, os objetos de referenciação aqui problematizados (“coxa” e “coxa da asa”) estão em copresença física imediata e potencial (CLARK; MARSHALL, 1981) em relação aos falantes. Dessa forma, a orientação destes a tais referentes permeia grande parte do fragmento de fala aqui apresentado. Contudo, como visto, os falantes efetivamente demonstram problemas em nomeá-los, utilizando-se de diferentes referentes: isso (muitas vezes seguido da ação corporificada de apontar para o objeto de referência), coxa, coxinha da asa e coxão.

A fonte de problemas é inicialmente causada pelo referente que Augusto utiliza para fazer menção à “coxa da asa”. É conveniente explicitar, aqui, que

esse problema de referenciação pode estar relacionado à categorização de pertencimento (SACKS, 1992) de Augusto: além da categoria “filho”, Augusto pertence à categoria “criança”, e problemas de referenciação são comuns considerando crianças, especialmente porque o vocabulário a que uma criança tem acesso difere, por exemplo, do vocabulário utilizado por seus pais. A “disputa” interacional entre Augusto e Paloma também tem a ver com a categoria a que ambos pertencem: irmão e irmã, respectivamente. Esse tipo de “competição” é considerado, pelo senso comum, costumeiro entre irmãos e irmãs.

Apesar de Augusto concordar com Paloma na metade do excerto analítico trazido aqui (linha 16), aceitando “coxinha da asa” como o referente correto, eles precisam lidar com outro problema causado pelo termo “coxão”, introduzido por Augusto para fazer menção à “coxa”. Considerando essa última parte do excerto de fala, percebe-se que os irmãos não chegam a um acordo sobre qual é o referente correto. Paloma não insiste na produção de reparos e ambos (Paloma e Augusto) parecem não mudar de ideia. Assim, o problema com o referente aparentemente continua.

Isso posto, pode-se dizer que, por meio deste estudo, tornou-se possível observar que existe uma intrínseca relação entre problemas de referenciação e organização de reparo na conversa cotidiana, uma vez que discrepâncias referenciais (acerca de objetos copresentes) entre os interagentes culminam na produção de reparo. E isso possivelmente acontece porque, como já explicado por Clift (2016), não se torna fácil continuar a conversa quando existe uma fonte de problemas que não é, de certo modo, reparada.

## The production of repair resulting from reference discrepancies in a mundane conversation: an analytical study

### Abstract

This article, sustained by the theoretical-methodological framework of Conversation Analysis (SACKS; SCHEGLOFF, JEFFERSON, 1974), and inserted in the scope of researching of Applied Linguistics, comprises the analysis of a mundane interaction of a talk between people from the same family during an usual activity which recording has been performed in audio and video. The objectives of this study consist of 1. Analyzing how problems related to reference may culminate in the production of repair in conversation; 2. Identifying the types of

repair in the analytic fragment chosen for this study; and (3) analyzing the production of repair in the service of who “knows better” in the interaction.

## Keywords

Mundane conversation. Organization of repair. Reference.

## REFERÊNCIAS

- BAXTER, J. Discourse-Analytic approaches to text and talk. In: LITOSSELITI, L. *Research methods in linguistics*. London: Continuum, 2010. p. 117-137.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CLARK, H.; MARSHALL, C. Definite reference and mutual knowledge. In: JOSHI, A. K.; WEBBER, B. L.; SAG, I. A. (Ed.). *Elements of discourse understanding*. New York: Cambridge University Press, 1981. p. 10-63.
- CLIFT, R.. *Conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016a.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 61-86.
- GARCEZ, P. M.; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – Delta*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 279-312, 2005.
- HERITAGE, J. Conversation analysis and institutional talk: analyzing distinctive turn-taking systems. In: CMEJRKOVÁ, S. et al. (Ed.). *Proceedings of the 6<sup>th</sup> International Congress of Iada (International Association for Dialog Analysis)*. Tubigen: Niemeyer, 1998. p. 3-17.
- HERITAGE, J. *Garfinkel and ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- JEFFERSON, G. Transcript notation. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. Nova York: Cambridge University Press, 1984. p. ix-xvi.
- KOSCHMANN, T. et al. Dissecting common ground: examining an instance of reference repair. In: MOORE, J. D.; STENNING, K. (Ed.). *Proceedings of the Twenty-Third Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 516-521.
- LEITE, M. A.; MARTINS, R. Referenciação. *Cadernos Cespuç*, Belo Horizonte, n. 23, p. 43-48, 2013.



- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MAREGA, L. M. P.; JUNG, N. M. A sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra? *Veredas*, Juiz de Fora, v. 15, p. 321-337, 2011.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Ed.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- PIRES, C. C. Organização de reparo na conversa cotidiana: um estudo empírico. *Gláuks*, v. 16, n. 1, p. 184-198, 2016.
- SACKS, H. The MIR membership categorization device. In: SACKS, H. *Lectures on conversation*. Oxford: Blackwell, 1992. v. 1, p. 40-48.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.
- SCHEGLOFF, E. A. Discourse, pragmatics, conversation analysis. *Discourse Studies*, v. 1, n. 4, p. 405-435, 1999.
- SCHEGLOFF, E. A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *American Journal of Sociology*, v. 98, p. 1295-1345, 1992.
- SCHEGLOFF, E. A. The organization of preference/dispreference. In: SCHEGLOFF, E. A. *Sequence organization in interaction: a primer in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 58-96.
- SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.
- SELTING, M. et al. A system for transcribing talk-in-interaction: GAT2 translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten. *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, p. 1-51, 2011.
- SILVA, C. R. da; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da conversa: uma breve introdução. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 11, p. 1-21, 2009.
- SLOVENCINA, A. Frango coxa pimenta marinado. *Pixabay*, 2016. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/frango-coxa-pimenta-marinado-1230120/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.
- WENDY. Baked chicken drumsticks. *Flickr*, 2009. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/wwny/4255397521>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

## ANEXO

### Convenções de Transcrição<sup>4</sup>

|                                 |                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------|
| (0.9)                           | Pausa em décimos de segundo           |
| (.)                             | Micropausa                            |
| [texto]                         | Falas sobrepostas                     |
| ↓texto                          | Entonação descendente da sílaba       |
| -                               | Marca de interrupção abrupta da fala  |
| :::                             | Alongamento de som                    |
| <texto>                         | Fala mais lenta                       |
| <sup>o</sup> texto <sup>o</sup> | Volume baixo                          |
| texto                           | Sílaba, palavra ou som acentuado      |
| ((texto))                       | Comentários da transcritora           |
| Hh                              | Riso expirado                         |
| {{rindo} texto}                 | Turnos ou palavras pronunciadas rindo |

**Fonte:** Jefferson (1984), adaptado pelo grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais, com marcações sugeridas pelo GAT2 (SELTING et al., 2011).

<sup>4</sup> Apesar de o modelo Jefferson de transcrição (1984) abarcar um número maior de convenções, optou-se por apresentar, aqui, apenas aquelas que se manifestam no excerto analítico deste estudo.